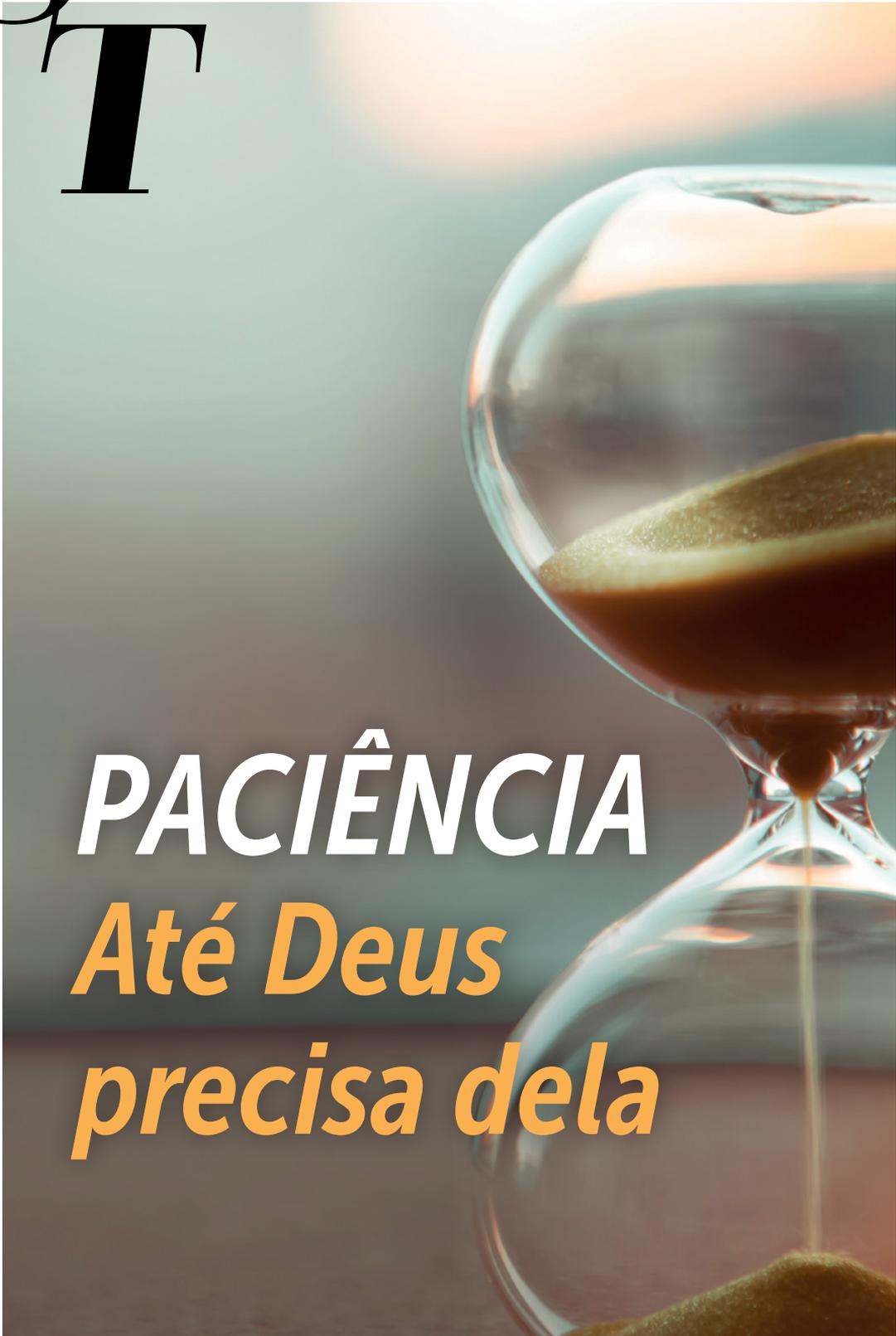


# SINAIS DOS TEMPOS

# ST

! A PERPÉTUA VIRGINDADE DE MARIA  
! O PONTO IRREVERSÍVEL  
! AS MUDANÇAS DE CALENDÁRIO E O DIA DE REPOUSO

An hourglass is the central visual element, with a thin stream of sand falling from the top bulb into the bottom bulb. The background is a soft-focus image of a glass of beer with a thick head of foam, set against a warm, golden light. The overall mood is contemplative and serene.

**PACIÊNCIA**  
*Até Deus  
precisa dela*

PUBLICADORA SERVIR  
3º TRIMESTRE 2021  
N. 158 / ANO 39 / €2,00



0 873901 321037



PUBLICADORA SERVIR  
3º TRIMESTRE 2021  
N. 158 / ANO 39

REVISTA INTERNACIONAL  
EDIÇÃO TRIMESTRAL  
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR **Ezequiel Quintino**

DIRETOR DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL [sinais@pservir.pt](mailto:sinais@pservir.pt)

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA

**Publicadora SerVir, S. A.**

DIRETOR **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO  
**Rua da Serra, 1 – Sabugo  
2715-398 Almagem do Bispo  
21 962 62 00**

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA

**Editorial Safeliz**

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA

**Éditions Vie et Santé**

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA

**Edizione ADV**

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas**

TIRAGEM **9000** exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº **63193/93**

PREÇO NÚMERO AVULSO **2,00€**

ASSINATURA ANUAL **8,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS  
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

## ≈ ÍNDICE ≈

### 03

EDITORIAL

**A Necessidade de Paciência**

### TEOLOGIA



### 04

**Paciência: Até Deus Precisa Dela**

*A importância de uma virtude esquecida.*

### CRENÇAS



### 08

**A Perpétua Virgindade de Maria**

*Um dogma infundado.*

### CIÊNCIA



### 16

**O Ponto Irreversível**  
*A Ciência contra Deus?*

### HISTÓRIA



### 22

**As Mudanças de Calendário e o Dia de Repouso**

*Perdeu-se o dia de repouso instituído por Deus?*

### 30

NOTÍCIA QUE FAZ PENSAR

**Metade do Planeta Devia Ser “Natureza Pura”**

*Uma apólice de seguro para a Natureza.*



### 32

NOTÍCIA POSITIVA

**As Crianças Podem Obedecer a Todos os Adultos, mas só Respeitam Alguns**

*A obediência infantil tem de ser merecida.*

### 34

A BÍBLIA ENSINA

**Longanimidade Divina**

*O exemplo divino no exercício da paciência.*

# A Necessidade de Paciência



**Pr. Ezequiel Quintino**

*Diretor*

A realidade mostra que quase todos aconselham a paciência, mas poucos querem exercitá-la. Talvez seja porque “a paciência é amarga”, como diz o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, acrescentando, logo de seguida, “mas o seu fruto é doce”. É apenas em situações que são sentidas como negativas que se requer o exercício da paciência. E, num vislumbre positivo, o pensador libanês Khalil Gibran escreveu: “Quando plantei a minha dor no campo da paciência, ela produziu os frutos da felicidade.” De tal maneira a virtude da paciência é necessária na vida que “até Deus precisa dela”. Descubra outras dimensões da paciência num artigo de reflexão nesta *ST*.

No âmbito das crenças, damos continuidade ao fenómeno chamado “Maria, mãe de Jesus”, cujo tratamento foi iniciado no passado trimestre. Desta vez, abordaremos o intrincado dogma da perpétua virgindade de Maria. Veremos como surgiu e se desenvolveu, para percebermos a sua sustentação bíblica. Na abordagem de ciência e religião, quanto à questão sempre presente e atual sobre Deus, enfrentaremos

o mito: “A ciência provou que Deus não existe.” Verificaremos se existe ou não um ponto irreversível, porque, como afirmou o filósofo e pensador francês do século XVII, Jean de La Bruyère: “A impossibilidade de provar que Deus não existe é a melhor prova da Sua existência.” No âmbito da História, confirmaremos as mudanças de calendário que aconteceram no passado mais ou menos longínquo e a sua repercussão no dia de adoração e de descanso semanal.

Terá oportunidade de ler duas notícias. Uma que nos faz pensar que “metade do Planeta devia ser Natureza pura”. Na outra, mais positiva, iremos perceber melhor como “as crianças podem obedecer a todos os adultos, mas só respeitam alguns”. Finalmente, na rubrica “A Bíblia Ensina”, levantaremos mais um pouco do véu, para continuarmos a estudar a “longanimidade de Deus” – uma virtude divina que é uma profunda bênção para nós, seres humanos. Na atual situação social e política do nosso mundo, não poderemos viver sem a expressão divina da longanimidade em nosso favor. Sinal dos tempos! ▢



Ezequiel Quintino

*Teólogo*

# PACIÊNCIA: ATÉ DEUS PRECISA DELA

No cotidiano humano foi sempre desejável exercitar a paciência. Existem épocas da vida em que isso se torna mesmo necessário. A experiência que todos temos vivido, desde o primeiro trimestre de 2020, tem exigido, mais do que nunca, o exercício desta virtude. Tem sido um período difícil e desafiador, que tem testado todas as nossas capacidades, sobretudo o nível da nossa paciência.

Do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* tiramos algumas definições de “paciência”. É uma virtude que consiste em suportar os dissabores e as infelici-

dades – resignação ou conformação. É a capacidade de persistir numa atividade difícil, suportando incômodos e dificuldades – persistência, perseverança ou constância. É calma para esperar o que tarda – serenidade. E, na linguagem corrente, pacientar (ter paciência) vem do latim *pati* que significa “sofrer, saber sofrer e saber esperar”. Na realidade, precisámos disto tudo, cada dia, durante a pandemia. Agora a situação parece ter entrado numa fase de esperança progressiva de normalização da vida.

Ora, em termos espirituais, a paciência é também uma virtude cristã e



um fruto do Espírito Santo. A Bíblia dá-nos inúmeros exemplos humanos de paciência. Abraão, Job e outros homens de Deus distinguiram-se pela paciência (Hebreus 6:12, 15; Tiago 5:10 e 11); os livros sapienciais recomendam a paciência (Provérbios 16:32; 25:15; Eclesiastes 7:8). No Novo Testamento, a paciência nas dificuldades está intimamente ligada à fé e à esperança (Romanos 5:1-5; 8:25). A paciência é uma das condições para a salvação (Lucas 21:19) e, ao mesmo tempo, um fruto do Espírito Santo (Gálatas 5:22). O apóstolo Paulo praticou a paciência (II Coríntios 6:4; II Timóteo 3:10) e recomendou-a com frequência aos seus leitores (Romanos 12:12; II Tessalonicenses 1:4; 3:5; Tito 2:2). O Cristão deve também exercer a paciência em relação aos seus outros irmãos humanos, e isto como resposta à paciência de Deus em relação a si mesmo como crente (Mateus 18:29-35). A paciência é uma das formas essenciais do amor fraternal (I Coríntios 13:4; Efésios 4:2; Colossenses 3:12; I Tessalonicenses 5:14). A paciência é absolutamente necessária na etapa final da história humana, como a conhecemos hoje (Apocalipse 14:12). Jesus Cristo é o exemplo perfeito da paciência divina, da paciência na tribulação (Atos 8:32) e da paciência em relação aos homens, dos quais suportou, até à morte, a incompreensão e o ódio (Lucas 23:34).

### **DEUS TAMBÉM PRECISA DE PACIÊNCIA<sup>1</sup>**

Até aqui falámos da paciência ao nível humano, abrangendo as várias áreas da vida. Na dimensão divina, há um aspeto interessante e fascinante do carácter e da personalidade de Deus sugerido num versículo encontrado entre as mensagens às

<sup>1</sup> Este raciocínio deve-se a Richard L. Litke, *Sem Enigmas*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014, pp. 71 e 72.

**A experiência que todos temos vivido, desde o primeiro trimestre de 2020, tem exigido, mais do que nunca, o exercício desta virtude. Tem sido um período difícil e desafiador, que tem testado todas as nossas capacidades, sobretudo o nível da nossa paciência.**

---

sete igrejas do Apocalipse. A promessa à sexta igreja, a igreja de Filadélfia, diz: *“Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra”* (Apocalipse 3:10, ARC). A expressão-chave é *“a palavra da minha paciência”*, que é bem traduzida também por *“a palavra da minha perseverança”* ou *“a palavra da minha paciente constância”*.

O termo *“palavra”* neste texto é traduzido do vocábulo grego *logos*, que também pode significar “ministério” ou “preocupação”. Assim, o pensamento aqui apresentado é uma questão ou uma preocupação que ocupa constantemente o nosso Deus Criador. Estamos tão envolvidos e apreensivos com os cuidados do dia-a-dia que raramente paramos para pensar que o nosso amoroso Pai celestial também pode ter de lidar com uma preocupação permanente.

Por hipótese, imaginemos como nos sentiríamos se tivéssemos criado uma

# Deus é paciente porque Ele ama com um amor eterno as Suas criaturas. Demonstrou esse amor infinito quando Se humanizou em Jesus para morrer a morte a que nos autocondenamos pela desobediência.

---

geração de seres que, com o tempo, acabaram por se revelar egoístas e obstinadamente rebeldes, como é o nosso caso enquanto seres humanos. Seríamos capazes de moderar os nossos sentimentos e esperar, ano após ano e século após século, na esperança de ver alguns dessa geração serem apenas um pouco mais leais ao seu Criador? A verdadeira questão é que *Deus precisa de ser paciente conosco!* Será que já percebemos que os muitos séculos de repetidos desapontamentos e frustrações que Ele tem suportado, em relação a nós, seres humanos, devem ter, por vezes, desafiado a Sua paciência?

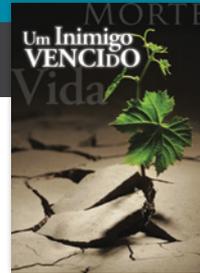
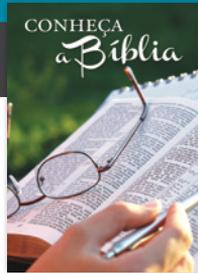
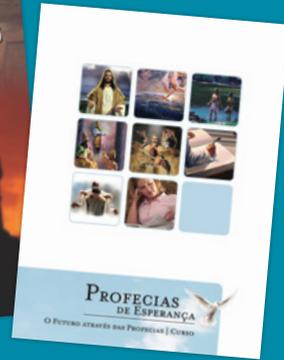
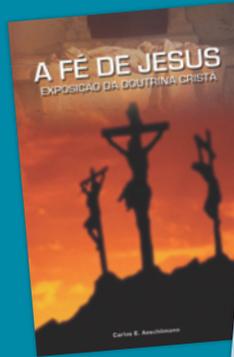
A palavra grega que nos interessa agora na frase citada é *hupomoné*, um termo que significa literalmente “permanecer sob algo”, “suportar algo com paciência ou com paciente resistência”. Em Apocalipse 3:10, Deus elogia os membros da igreja de Filadélfia por se preocuparem com Ele devido à paciência que os Seus filhos e as Suas filhas rebeldes exigiram da Sua parte. Deus acrescenta que recompensará

os membros de Filadélfia pelo interesse na Sua preocupação.

Na realidade, há uma profunda razão pela qual Deus, nosso Pai, está disposto a ser paciente, a suportar com perseverança e a saber sofrer. Deus comprometeu-Se a dar a todos os descendentes de Adão e Eva plena oportunidade de se tornarem leais a Ele e ao Seu governo, se o desejarem. O Senhor Deus não porá um fim à situação caótica na Terra até que cada pessoa seja confrontada com essa grande oportunidade e tome uma decisão clara. II Pedro 3:9 (*BpT*) expressa essa ideia diretamente: “*Não é que o Senhor demore a cumprir o que prometeu, como alguns pensam; é paciente convosco, pois não quer que ninguém se perca, mas que todos venham a arrepender-se.*” Deus é paciente porque Ele ama com um amor eterno as Suas criaturas. Demonstrou esse amor infinito quando Se humanizou em Jesus para morrer a morte a que nos autocondenamos pela desobediência. E Deus, paciente e misericordiosamente, dá tempo às Suas criaturas para se arrependerem (Números 14:18; Salmo 86:15; Joel 2:12 e 13; Jonas 4:2).

Portanto, e sem qualquer dúvida, Deus trata-nos, a cada um, individualmente, com a máxima benevolência e paciência. Não podemos ficar indiferentes perante este *amor* paciente (I Coríntios 13:4-8)! A melhor resposta de gratidão da nossa parte é voltarmos para Deus, arrependidos da nossa obstinação e desejosos de vivermos em harmonia e paz com Ele. Aqui e agora, e também pela eternidade! Faremos assim parte do grupo especial, na atualidade, do qual é dito: “*Aqui está a paciência dos santos, aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fê de Jesus*” (Apocalipse 14:12, *ARC*).<sup>2</sup> ▭

<sup>2</sup> As traduções bíblicas usadas neste artigo são a Almeida Revista e Corrigida (ARC) e a Bíblia para Todos (BpT).



Estude a Bíblia de forma temática com o auxílio de CURSOS.

ESPERANÇA em FOLHETOS!

Ligue e peça através do telefone **933 93 92 91**.



Samuele Bacchiocchi<sup>1</sup>

*Teólogo*

# A PERPÉTUA VIRGINDADE DE MARIA

O primeiro paralelo que a Igreja Católica tenta delinear entre Cristo e Maria é o da impecabilidade. Como Cristo, supõe-se que Maria viveu sem pecado, desde a concepção até à sua assunção corporal ao Céu. Este ensino tem sido promovido através de dois importantes dogmas, conhecidos como o dogma da “perpétua virgindade” e o dogma da “imaculada concepção”. Foi o Sínodo de Latrão, realizado em 649, que salientou, pela primeira vez, o caráter tríptico da virgindade de Maria: “Maria foi virgem antes, durante e depois do nascimento de Jesus Cristo”.<sup>2</sup> A crença católica de que Maria viveu toda a sua vida como virgem e

morreu virgem é celebrada na liturgia católica como *Aeiiparthenos*, “sempre virgem”.

O novo *Catecismo da Igreja Católica* reafirma essa crença: “Maria permaneceu virgem concebendo o seu Filho, virgem ao dá-lo à luz, virgem ao carregá-lo, virgem ao alimentá-lo do seu seio, virgem

<sup>1</sup> Adaptado de *Crenças Populares – O que as Pessoas Acreditam e o que a Bíblia Realmente Diz*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012, pp. 243-254. Os textos bíblicos citados são retirados das seguintes traduções: Almeida Revista e Atualizada (ARA), Almeida Revista e Corrigida (ARC) e Bíblia para Todos (BpT).

<sup>2</sup> Ludwig Ott, *Fundamentals of the Catholic Dogmas* (1960), p. 203.



sempre.” A virgindade de Maria é vista como uma condição prévia essencial para ela “servir, na dependência dele e com ele, pela graça de Deus, no mistério da redenção.” E o *Catecismo* prossegue: “Obedecendo, [ela] fez-se causa de salvação tanto para si como para todo o género humano. Do mesmo modo, não poucos antigos Padres dizem [...]: ‘O nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva

<sup>3</sup> *Catechism of the Catholic Church* (1994), p. 128, par. 510 e p. 124, par. 494.

<sup>4</sup> Tomás de Aquino, *Summa Theologica* (1947), Pt. III, Q. 28, pp. 2173 e 2174.

ligou pela incredulidade a virgem Maria desligou pela fé. [...] Veio a morte por Eva e a vida por Maria”.<sup>3</sup>

Tomás de Aquino (1225-1274) também empregou vários argumentos para defender a perpétua virgindade de Maria. Argumenta ele que, se Maria tivesse mantido relações sexuais com José depois do nascimento de Jesus, isso teria sido “uma afronta ao Espírito Santo, cujo *santuário* foi o útero virginal onde Ele formou a carne de Cristo; portanto, seria uma indecência que fosse profanado pelas relações sexuais com homem.” Depois conclui: “Devemos, pois, simplesmente afirmar que a Mãe de Deus, assim como foi virgem ao concebê-Lo e ao dá-Lo à luz, assim permaneceu virgem posteriormente. [...] Maria deu à luz de forma miraculosa sem a abertura do útero e o rompimento do hímen, e, conseqüentemente, também sem dores”.<sup>4</sup>

Contrariando as expectativas, os principais Reformadores Protestantes – Martinho Lutero, João Calvino e Ulrico Zwínglio – reafirmaram a sua crença na perpétua virgindade de Maria. A aceitação

---

**A aceitação da permanente virgindade de Maria pelos Reformadores, assim como a generalizada relutância deles em considerar Maria uma pecadora, foi progressivamente rejeitada pelos seus seguidores.**

da permanente virgindade de Maria pelos Reformadores, assim como a generalizada relutância deles em considerar Maria uma pecadora, foi progressivamente rejeitada pelos seus seguidores. A razão dessa rutura com o passado deveu-se a alguns fatores. Primeiro, um novo exame dos textos bíblicos que “apoiavam” a virgindade perpétua de Maria, depois as práticas idólatras que resultaram da veneração de Maria e a recusa do celibato clerical levaram muitas Igrejas Protestantes a rejeitar diversas crenças católicas sobre Maria.

Todavia, a oposição Protestante à veneração de Maria tem enfraquecido bastante nos últimos anos. Um exemplo disso é uma declaração de 57 páginas emitida pela *Comissão Internacional Conjunta de Anglicanos e Católicos Romanos Para a Devção e a Doutrina Marianas*. Este documento revela que teólogos anglicanos procuram meios de abraçar, pelo menos em parte, as crenças católicas romanas sobre Maria – a sua perpétua virgindade, o seu papel redentor e a sua veneração por meio de orações que lhe são dirigidas.<sup>5</sup>

## ARGUMENTOS CATÓLICOS COM BASE NA BÍBLIA

O dogma católico da perpétua virgindade de Maria não se baseia em ensinamentos bíblicos

---

# A associação do sexo com o pecado fez surgir a ideia de que era impensável Maria ter mantido relações conjugais normais depois do nascimento de Jesus.

comprovados, mas em suposições dogmáticas. Os teólogos católicos citam apenas uns poucos versículos bíblicos para apoiar a suposta perpétua virgindade de Maria. Por exemplo, o apologista católico Ludwig Ott explica Lucas 1:26-38 a partir da pergunta que Maria faz ao anjo (v. 34): “*Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?*” Diz Ott que alguns teólogos católicos deduzem que Maria tinha tomado a decisão de permanecer sempre virgem com base na iluminação especial de Deus. Outros chamam a atenção para o facto de que o Jesus moribundo confiou a mãe aos cuidados do discípulo João (João 19:26): “*Mulher, eis aí o teu filho*”, o que pressupõe que Maria não teve outros filhos além de Jesus.

Os Católicos interpretam as referências aos “irmãos” de Jesus (Mateus 13:55 e 56; Marcos 6:3; Gálatas 1:19) como referências a primos de Jesus, e não a irmãos de sangue. Outros peritos católicos sugerem que talvez esses “irmãos” fossem filhos de José, de um casamento anterior. A teologia católica valoriza muito este ponto, visto que, para eles, o sexo está associado ao pecado, enquanto a virgindade é considerada um pré-requisito para se alcançar um nível mais elevado de pureza e, finalmente, a santidade.

## ORIGEM PAGÃ E IMPLICAÇÕES DA DOCTRINA DA PERPÉTUA VIRGINDADE

A Bíblia ensina claramente que Maria era virgem antes e na hora do nascimento de Jesus (Isaías 7:14; Mateus 1:18-25; Lucas 1:26 e 27), mas não sugere em parte alguma que ela permaneceu virgem depois disso. As raízes do dogma da virgindade perpétua de Maria devem ser procuradas no ambiente pagão da era pós-apostólica, quando se deu grande ênfase ao celibato

<sup>5</sup> Richard N. Ostling, “Anglicans, Catholics Agree on Mary”, *Desert News* (Salt Lake City), 28 de maio de 2005.



## A ideia da virgindade perpétua de Maria como um todo baseia-se na crença absurda de que o sexo é pecaminoso.

---

dentro de certas religiões pagãs (como no caso das virgens vestais de Roma pagã) e de algumas seitas gnósticas “cristãs”. Na época, as relações sexuais, mesmo dentro do casamento, eram muitas vezes suspeitas de pecado. Foi esse conceito que levou Agostinho (354-430) a ensinar que o pecado original se transmitia através da procriação, mediante as relações sexuais. A associação do sexo com o pecado fez surgir a ideia de que era impensável Maria ter mantido relações conjugais normais depois do nascimento de Jesus. Para ser impecável e santa, Maria tinha de ser virgem, antes e depois do nascimento de Jesus. Esta ideia consolidou-se na tradição do celibato para padres e freiras.

Ora, toda a noção da perpétua virgindade de Maria destrói a integridade e a humanidade da encarnação de Cristo, ao pressupor que Ele não apenas foi concebido, mas também nasceu miraculosamente pelo Espírito Santo. Na Sua condição de Deus-homem, Cristo dificilmente poderia ter-Se tornado em todas as coisas “se-

*melhante aos irmãos*” (Hebreus 2:17), participando da mesma natureza humana, “*da carne e do sangue*” (v. 14), se tivesse saído do ventre de Maria de forma miraculosa.

### DEUS CRIOU O SEXO

A ideia da virgindade perpétua de Maria como um todo baseia-se na crença absurda de que o sexo é pecaminoso. A Bíblia nega tal crença. A primeira declaração referente à sexualidade humana encontra-se em Gênesis 1:27 (ARC): “*Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.*” Recorde-se que depois de cada ato criador, a Escritura diz que Deus viu que “*isso era bom*” (1:12, 18, 21, 25), mas depois da criação do ser humano como “*homem e mulher*” (ARA e BpT), a Bíblia diz que Deus viu que “*era muito bom*” (1:31). Nas Escrituras Sagradas, esta avaliação divina mostra que as relações sexuais entre homem e mulher são parte da excelência e perfeição da criação original de Deus. No entanto, o dogma da virgindade perpétua de Maria nega o con-

## Nas Escrituras Sagradas, esta avaliação divina mostra que as relações sexuais entre homem e mulher são parte da excelência e perfeição da criação original de Deus.

---

certo positivo da Bíblia em relação ao sexo, além de depreciar as mulheres que optam pelo casamento em vez do celibato.

### O NASCIMENTO DE CRISTO FOI NORMAL

A crença de que Maria permaneceu virgem durante e depois do nascimento de Jesus é negada por todas as descrições do acontecimento que apontam para um nascimento normal. Lucas escreve (2:7): “Ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e deitou-o numa manjedoura.” Paulo fala de Cristo como “nascido de mulher” (Gálatas 4:4). No evangelho de Mateus, o anjo explica a José (1:21): “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus.” Nenhum destes textos usa as palavras comuns para milagre, sinal ou prodígio. Não há referência a anjos ou ao Espírito Santo extraindo miraculosamente Jesus para fora do útero de Maria. O que os textos revelam é que Maria “deu à luz o seu filho primogênito”. A ideia de que Jesus nasceu sem sair pelo canal natural de parto ou sem causar dor encontra-se apenas em escritos apócrifos gnósticos do II e do III séculos, mas não nos livros inspirados do Novo Testamento.

### TIVERAM JOSÉ E MARIA INTIMIDADE SEXUAL APÓS O NASCIMENTO DE JESUS?

O evangelho de Mateus sugere que Maria

e José levaram uma vida sexual normal, após o nascimento de Jesus. Mateus declara que “*sem que tivessem antes coabitado, [Maria] achou-se grávida pelo Espírito Santo*” (1:18). A expressão “*ter coabitado*” (de *sunerchomai*) inclui a ideia de intimidade sexual (I Coríntios 7:5). O versículo dá a entender que, posteriormente, José e Maria “*coabitaram*” e mantiveram relações sexuais. Mateus declara também que José “*não a conheceu [Maria], enquanto ela não deu à luz um filho*” (1:25, ARA). A expressão “*não a conheceu*” sugere que José não teve relações sexuais com Maria até ao nascimento de Jesus. Na Bíblia, um homem “*conhece*” uma mulher ao manter intimidade sexual com ela. O texto de Mateus dá a entender que, depois do nascimento de Jesus, o casal manteve relações conjugais normais. Se Mateus quisesse comunicar a ideia da perpétua virgindade de Maria, ele teria escrito simplesmente: “Mas José nunca a conheceu.”

### JESUS É CHAMADO

#### O PRIMOGÊNITO DE MARIA

Em Lucas 2:7, Jesus é chamado o “*primogênito*” (*prototokon*) de Maria. Lucas escreveu o seu evangelho muito tempo depois do nascimento de Jesus (por volta de 60 d.C.), possivelmente depois do falecimento de José e de Maria. Se Jesus tivesse sido o único filho de Maria, Lucas teria, em retrospectiva, usado a palavra “*unigênito*” (*monogenes*), e não “*primogênito*” (*prototokon*). No contexto, “*primogênito*” sugere que Maria teve outros filhos. Depois, o facto de os quatro Evangelhos declararem que Jesus teve irmãos e irmãs parece confirmar isso.

### QUEM ERAM OS IRMÃOS E AS IRMÃS DE JESUS?

Na Bíblia, há várias e inequívocas referências aos irmãos e às irmãs de Jesus, no contexto da sua família imediata. Estes

textos sugerem que eles eram irmãos de facto, e não primos, como creem muitos Católicos. Lemos em Mateus 13:55 e 56; Marcos 6:3: “*Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs?*” O texto dá a perceber que Jesus tinha uma família grande, de, pelo menos, quatro irmãos e duas irmãs. O apóstolo João também sugere que Jesus não era filho único (2:12): “*Depois disto, desceu ele para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos.*” E em 7:3: “*Dirigiram-se, pois, a ele os seus irmãos e lhe disseram: Deixa este lugar e vai para a Judeia, para que também os teus discípulos vejam as obras que fazes.*” O apóstolo Paulo também se refere a Tiago como “*irmão do Senhor*” na carta aos Gálatas 1:18 e 19 e refere-se aos “*irmãos do Senhor*” em I Coríntios 9:5.

Os apologistas católicos apresentam duas explicações principais para conciliar estes textos com a sua crença na perpétua virgindade de Maria. Alguns argumentam

que os “*irmãos e as irmãs*” mencionados eram *meios*-irmãos e *meias*-irmãs de Jesus, filhos da parte de José, de um casamento anterior. Outros seguem a ideia de Jerónimo de que eles eram primos de Jesus, e não irmãos consanguíneos. Estas explicações preservariam a perpétua virgindade de Maria. O principal argumento para defender estas interpretações é que, no hebraico, não existem substantivos específicos para designar parentes. A palavra hebraica *ah* e a palavra aramaica *aha* podem significar tanto irmão como meio-irmão, primo, sobrinho ou qualquer parente consanguíneo.

Isto é verdade no hebraico e no aramaico, mas não no grego. Esta interpretação católica ignora que todos os quatro evangelhos foram escritos em grego, e não em hebraico. Há, de facto, no grego duas

---

**Se Jesus tivesse sido o único filho de Maria, Lucas teria, em retrospectiva, usado a palavra “unigénito” (*monogenes*), e não “primogénito” (*prototokon*). No contexto, “primogénito” sugere que Maria teve outros filhos.**



# A ideia de José e Maria a viverem num estado de perpétuo celibato é absurda e contrária ao ideal de Deus para o casamento, cujo objetivo é unir homem e mulher como “*uma só carne*” (Génesis 2:24; Mateus 19:5 e 6).

palavras distintas para “irmão” (*adelphos*) e “primo” (*anepsios*). As referências aos irmãos e às irmãs de Jesus nunca utilizam o termo “primo”. Se os escritores dos Evangelhos soubessem que Tiago, José, Simão e Judas eram primos de Jesus, teriam usado a palavra *anepsios* (e não *adelphos*) para evitar confusão. O Novo Testamento usa sempre as palavras “irmão” e “irmã” num ambiente de família e referindo-se sempre a um irmão (ou a uma irmã) legítimo e literal (Marcos 1:16, 19; 13:12; João 11:1 e 2; Atos 23:16; Romanos 16:15). Por que se deveria supor que Mateus usou os termos “irmãos” e “irmãs” figuradamente, se ele emprega o termo “mãe” literalmente? Há um princípio estabelecido em hermenêutica, segundo o qual as palavras devem ser compreendidas no seu sentido literal, excepto se a interpretação literal envolver uma óbvia contradição.

## MARIA DECIDIU PERMANECER VIRGEM PARA SEMPRE?

Da pergunta de Maria ao anjo (Lucas 1:34): “*Como será isto, pois não tenho rela-*

*ção com homem algum?*”, alguns Católicos deduzem que Maria decidiu ficar virgem pelo resto da vida. Então pergunta-se: Se ela tomou esta decisão, por que ficou noiva de José (Mateus 1:18)? A ideia de José e Maria a viverem num estado de perpétuo celibato é absurda e contrária ao ideal de Deus para o casamento, cujo objetivo é unir homem e mulher como “*uma só carne*” (Génesis 2:24; Mateus 19:5 e 6). Depois da primeira intimidade sexual, existe a responsabilidade contínua de marido e mulher honrarem os deveres conjugais (I Coríntios 7:3). E qualquer abstinência deve ser por consentimento mútuo (v. 5).

## JESUS CONFIOU A SUA MÃE A JOÃO PORQUE ELA NÃO TINHA FILHOS?

Para muitos apologistas católicos, como Ludwig Ott, “o facto de o Redentor, à beira da morte, confiar a Sua mãe à proteção do discípulo João (João 19:26) – ‘Mulher, eis aí o teu filho’ – pressupõe que Maria não tinha outros filhos além de Jesus”.<sup>6</sup> Esta suposição ignora o facto de que os irmãos de Jesus, naquela época, não eram crentes (João 7:5) e não estariam presentes na crucificação. Um dia, enquanto Jesus ensinava, “*alguém Lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te. Porém ele respondeu [...]: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe*” (Mateus 12:47-50). Com excepção da Sua mãe, a própria família do Salvador não acreditava n’Ele naquela época. Portanto, Jesus só podia entregar a Sua mãe aos cuidados de um crente. E João, amigo e discípulo de Jesus, era confiável para essa tarefa.

<sup>6</sup> Ludwig Ott, *Fundamentals of the Catholic Dogmas* (1960), p. 207.



**A verdade bíblica é que, como todos os verdadeiros crentes, Maria era uma pecadora salva pela graça de Deus, mediante a fé, e não por qualquer justiça ou graça diferenciada que lhe foi concedida na concepção, nem por qualquer voto de virgindade dentro do casamento como meio de alcançar uma santidade mais elevada. Ela foi uma mulher abençoada, porque deu à luz o Filho de Deus e criou-O numa família particular.**

### **CONCLUSÃO**

O dogma católico da perpétua virgindade de Maria visa provar que Maria era sem pecado, como Cristo, porque foi virgem antes, durante e depois do parto do seu filho, Jesus. A alegação da perpétua virgindade é usada para provar a contínua impecabilidade de Maria. Este dogma carece de qualquer prova bíblica razoável. Os poucos textos bíblicos usados em sua defesa nem sequer fazem alusão ao assunto. Mas a Igreja Católica não depende da autoridade bíblica para definir os seus ensinamentos. Ela reivindica autoridade independente para definir os seus próprios dogmas, escrever as suas próprias leis e criar os seus próprios “intercessores” (II Coríntios 11:13-15).

A verdade bíblica é que, como todos os verdadeiros crentes, Maria era uma pecadora salva pela graça de Deus, mediante a fé, e não por qualquer justiça ou graça diferenciada que lhe foi concedida na concepção, nem por qualquer voto de virgindade dentro do casamento como meio de alcançar uma santidade mais elevada. Ela foi uma mulher abençoada, porque deu à luz o Filho de Deus e criou-O numa família particular.

---

O dogma da perpétua virgindade de Maria é uma superstição antiga imposta a devotos que nunca tiveram oportunidade de estudar este tema a partir da perspectiva da Bíblia. É triste saber que, ainda hoje, milhões de pessoas sinceras seguem, de forma ingênua, um sistema de ideias que se opõe frontalmente às verdades divinamente reveladas na Palavra de Deus. Sinal dos tempos! ▢

CIÊNCIA

# O PONTO IRREVERSÍVEL

≈

**Norel Iacob**

*Diretor de Redação da Signs  
of the Times (edição romena)*

*Tradução de Marlene Vieira*



## Mito: A ciência provou que Deus não existe.

---

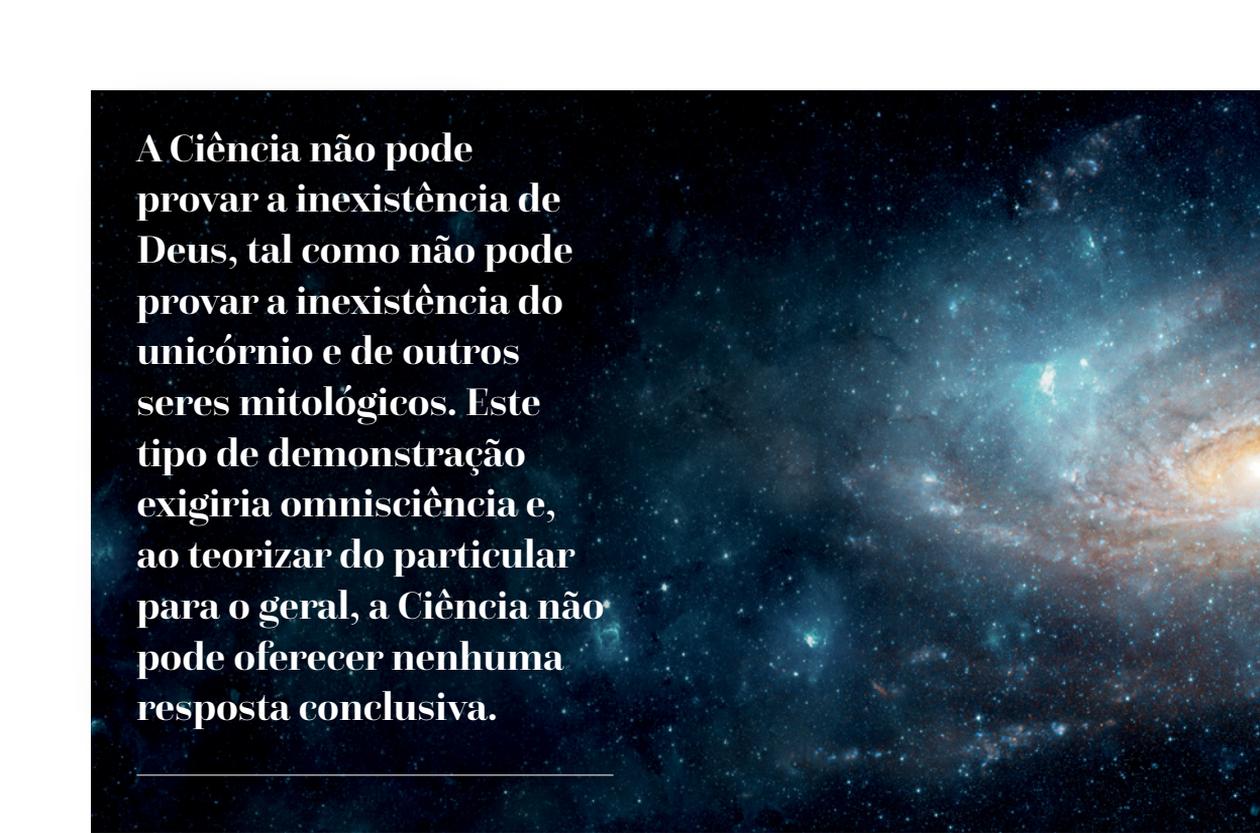
O escritor e jornalista americano Ernest Hemingway afirmou certa vez: “Todos os homens que pensam são ateus.” As suas palavras têm encontrado eco através das ideias dos ateus contemporâneos.

Pierre-Simon, Marquês de Laplace (1749-1827), matemático, astrônomo e um dos cientistas mais influentes da História, encontrou-se com Napoleão Bonaparte para lhe oferecer uma cópia do seu livro *Traité de Mécanique Céleste* (*Tratado de Mecânica Celeste*). Este livro continha uma análise do sistema solar que iria complementar as descobertas de Isaac Newton. Napoleão, ao pegar no livro, disse: “Sr. Laplace, disseram-me que escreveu este enorme livro sobre o sistema do Universo e nunca mencionou o seu Criador.” A isto, Laplace alegadamente respondeu: “*Je n'avais pas besoin de cette hypothèse-là*” (“Não precisei dessa hipótese”).<sup>1</sup>

Dois séculos mais tarde, a resposta de Laplace foi ecoada pelo famoso Cientista britânico Stephen Hawking. No seu livro, *The Grand Design* (2010),<sup>2</sup> Hawking afirma que o Universo surgiu do “nada” devido à gravidade, e as leis da Natureza são apenas um acidente na pequena partícula do Universo em que habitamos. “É possível responder a estas questões apenas no âmbito da Ciência e sem recorrer a nenhuns seres divinos”, disse Hawking.

<sup>1</sup> “Ah! Essa é uma bela hipótese; ela explica muitas coisas” foi a alegada resposta de um Napoleão divertido. Estas frases, cuja historicidade é incerta, têm várias fontes, incluindo W. W. Rouse Ball, *A Short Account of the History of Mathematics*, Nova Iorque: Dover Publications, 2010, disponível online em [www.gutenberg.org/ebooks/31246](http://www.gutenberg.org/ebooks/31246).

<sup>2</sup> Coautoria de Stephen Hawking com outro físico, Leonard Mlodinow.



**A Ciência não pode provar a inexistência de Deus, tal como não pode provar a inexistência do unicórnio e de outros seres mitológicos. Este tipo de demonstração exigiria onisciência e, ao teorizar do particular para o geral, a Ciência não pode oferecer nenhuma resposta conclusiva.**

---

### **O ARGUMENTO “INGÉNUO”**

Então, a Ciência provou, de facto, que Deus não existe? Não, não provou! Esta é a resposta mais simples e mais verdadeira. A Ciência não pode provar a inexistência de Deus, tal como não pode provar a inexistência do unicórnio e de outros seres mitológicos. Este tipo de demonstração exigiria onisciência e, ao teorizar do particular para o geral, a Ciência não pode oferecer nenhuma resposta conclusiva. Mas este mito já está completamente desfeito? Nem por isso.

Na realidade, a maioria dos ateus crê que a ideia de que a Ciência não pode provar a inexistência de Deus é ingénua e incompleta. Por exemplo, o cientista Richard Dawkins admitiu: “Não posso ter a certeza de que Deus não existe”.<sup>3</sup> Mas a confissão de Dawkins, longe de provar as suas dúvidas a propósito das suas próprias crenças ateias, reflete uma atitude semelhante de outro ateu famoso, que disse:

“Emocionalmente, sou ateu. Não tenho evidências que provem que Deus não existe, mas como suspeito seriamente que Ele não existe, não quero perder o meu tempo.”<sup>4</sup> O próprio Stephen Hawking explicou a sua posição numa entrevista na televisão: “Deus poderá existir, mas a Ciência pode explicar o Universo sem ter necessidade de um Criador.”

### **E O CONTRA-ARGUMENTO “CRIATIVO”**

Portanto, a questão não é se a Ciência já provou que Deus não existe. Os cientistas admitem que não o conseguem fazer. A verdadeira questão é se a Ciência provou que não é necessário Deus para explicar o Universo.

A Organização Europeia Para a Investigação Nuclear, conhecida como

<sup>3</sup> John Bingham, “Richard Dawkins: I can’t be sure God does not exist”, 24 de fevereiro de 2012, [www.telegraph.co.uk](http://www.telegraph.co.uk).

<sup>4</sup> Isaac Asimov, *Free Inquiry*, 2 (2), Primavera de 1982:9.



CERN, anunciou a descoberta do bosão de Higgs (a “partícula de Deus”) enquanto realizava experiências com o acelerador de partículas. Os cientistas andavam à procura desta partícula para ajudar a confirmar as suas teorias sobre as origens e a evolução do Universo. A sua descoberta é, portanto, significativa, pois assinala que a Ciência está na iminência de uma explicação. Então, o que será da religião e de Deus quando atingirmos, e passarmos, este momento de descoberta?

Sir Arthur C. Clarke, o ateu e inventor britânico, oferece esta opinião: “A Ciência pode destruir a religião ao ignorá-la, assim como ao refutar os seus princípios. Nunca ninguém provou, tanto quanto sei, a não existência de Zeus

ou de Thor – mas eles agora têm poucos seguidores.”<sup>5</sup> E segundo Theodore Schick, Jr., professor de Filosofia no Muhlenberg College, nos Estados Unidos, “Ao demonstrar que Deus não é necessário para explicar seja o que for, a Ciência provou que já não há razão para crer na existência de Deus, assim como para crer na existência de [outras teorias científicas abandonadas ou de criaturas míticas]”.<sup>6</sup>

### **A CONTAGEM DECRESCENTE**

É verdade que, ao longo dos últimos séculos, a Ciência tem fornecido dados e teorias que parecem discordar dos ensinamentos da Igreja. A Biologia, a Geologia e a Astronomia forneceram explicações científicas para o que era antes atribuído exclusivamente ao domínio da intervenção divina. Assim, à medida que a Ciência vai preenchendo as lacunas do conhecimento, a religião vai ficando com menos fenómenos que sejam explicados pela atuação di-

<sup>5</sup> Arthur C. Clarke, *Childhood's End*, New York: Harcourt Brace, 1953.

<sup>6</sup> Theodore Schick, Jr., “Can Science Prove that God Does Not Exist?”, *Free Inquiry*, 21 (1), Inverno de 2001.

reta de Deus. Então, poder-se-á dizer que a Ciência precisa apenas de ser paciente. Começou uma contagem decrescente, em que as descobertas científicas irão gradualmente dispensar as explicações religiosas. E, no ponto zero, no ponto sem retorno, a Ciência terá explicado tudo o que a religião procurou explicar, retirando a religião por completo da esfera do aceitável e, juntamente com ela, Deus.

### O PONTO SEM RETORNO

Mas um ponto desses, na realidade, não existe, diz o Físico e Astrônomo John P. Millis, da Universidade Anderson, nos Estados Unidos. “Ainda não chegámos lá, e creio que é nosso dever reconhecer que poderemos nunca chegar lá.”<sup>7</sup> A origem do Universo é singular, é uma experiência

---

**Ninguém pode afirmar com certeza que os acontecimentos milagrosos que nós, hoje, consideramos cientificamente impossíveis nunca serão explicados no futuro. Novas ideias e novas descobertas podem revolucionar o nosso pensamento e trazer uma perspectiva mais clara aos eventos que antes pareciam impossíveis. Deus é o dono da Ciência.**

que é impossível recriar. As experiências, como as do acelerador de partículas do CERN, prosseguem desde 2012, sem chegarem a conclusões satisfatórias, devido à complexidade das descobertas que exigem sempre um maior volume de estudos. Simulam as condições originais, mas não conseguem reproduzi-las. A incerteza não pode ser totalmente eliminada, por isso, nunca conseguiremos explicar, completa e absolutamente, o Universo.

O escritor e apologista cristão Gregory Koukl encara as coisas sob outro ângulo. “Alguns assumem a posição de que, se a Ciência não nos dá razões para crer em alguma coisa, então não existe nenhuma boa razão. Essa é simplesmente uma falsa suposição do cientismo.”<sup>8</sup>

Considere isto: Ninguém pode afirmar com certeza que os acontecimentos milagrosos que nós, hoje, consideramos cientificamente impossíveis nunca serão explicados no futuro. Novas ideias e novas descobertas podem revolucionar o nosso pensamento e trazer uma perspectiva mais clara aos eventos que antes pareciam impossíveis. Deus é o dono da Ciência.

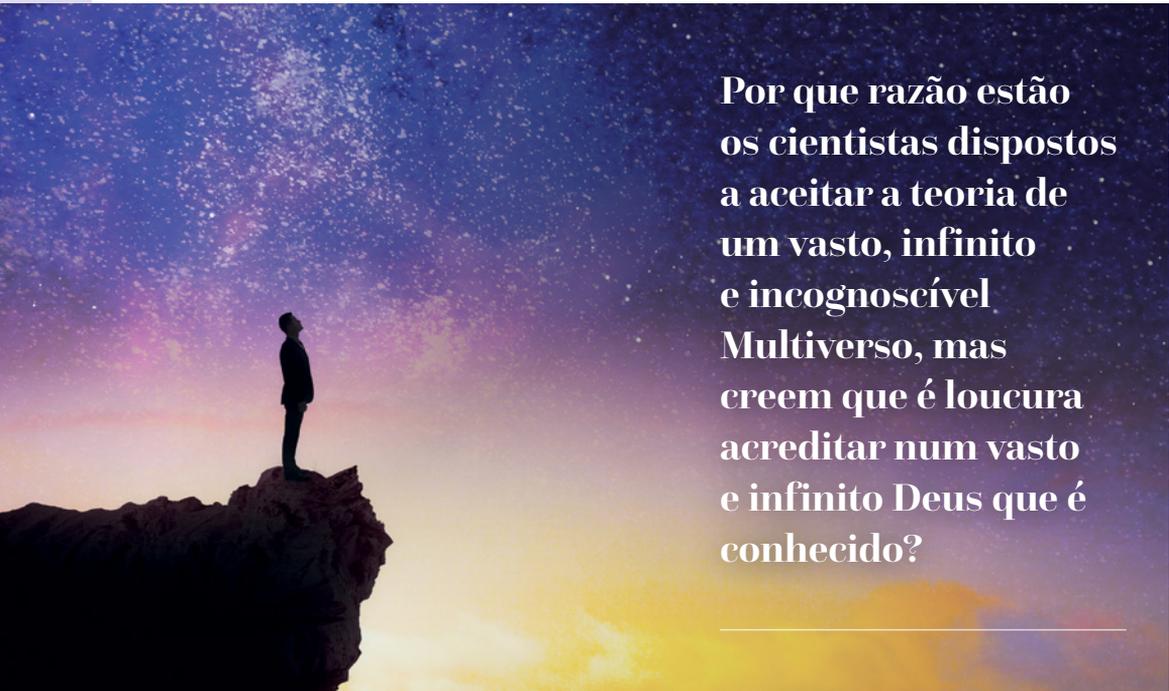
### A POSIÇÃO ATUAL DA LINHA DA FRENTE

As questões relacionadas com a origem do Universo continuam a prender a atenção dos cientistas por todo o lado. “O que causou aquela explosão primordial (o *Big Bang*) responsável pelo surgimento do Universo? E por que razão há algo em vez de nada?” Neste momento, a Ciência não oferece nenhuma resposta clara. Hawking concebeu uma teoria de um Universo paralelo que nos pede que acreditemos que existem outros Universos para além do nosso.

<sup>7</sup> John P. Millis, “Has Science Unproven God?” [www.space.about.com](http://www.space.about.com).

<sup>8</sup> Gregory Koukl, “What Science Can’t Prove”, [www.str.org](http://www.str.org).





## Por que razão estão os cientistas dispostos a aceitar a teoria de um vasto, infinito e incognoscível Multiverso, mas creem que é loucura acreditar num vasto e infinito Deus que é conhecido?

Esta teoria não é universalmente aceite.<sup>9</sup> Mas... pense nisto: Aqueles que aceitam a hipótese de Hawking têm de aceitar a ideia de que existe um número infinito de Universos (o Multiverso) cuja existência e natureza não podem ser avaliadas e provadas pela Ciência atual. Têm de aceitar e crer na existência de um vasto e potencialmente incognoscível desconhecido. Se os Cientistas estão dispostos a crer nisto, será um salto muito maior, em termos de lógica, crer na existência de um Deus infinito cuja natureza e existência a Ciência não consegue provar? Por que razão estão os cientistas dispostos a aceitar a teoria de um vasto,

infinito e incognoscível Multiverso, mas creem que é loucura acreditar num vasto e infinito Deus que é conhecido?

O jornalista George Johnson disse uma vez que aqueles que procuram a lei matemática suprema responsável pela criação do Universo, se a encontrassem, teriam de encontrar uma lei que explicasse de onde essa lei veio... e, por fim, uma explicação sobre a razão por que o Universo é matemático e de onde veio a Matemática e o que são os números.<sup>10</sup> Esta é uma observação poderosa. A Ciência pode dar explicações, mas só até certo ponto. Albert Einstein, embora negasse a existência de um Deus pessoal, não podia deixar de reconhecer a existência de um poder para além da Ciência, à medida que foi estudando os segredos do Universo. Disse ele: “Quem estiver seriamente envolvido com a Ciência fica convencido de que as leis da Natureza manifestam a existência de um Espírito imensamente superior ao do homem”.<sup>11</sup> ▢

<sup>9</sup> A teoria dos universos paralelos implica a coexistência de todos os universos possíveis, entre os quais certamente deveria existir o Universo que pudesse suportar a vida. Acontece que esse é o nosso.

<sup>10</sup> George Johnson, “Can Science Prove the Existence of God?”, 11 de novembro de 2003, [www.nytimes.com](http://www.nytimes.com).

<sup>11</sup> Alice Calaprice, ed. *Dear Professor Einstein. Einstein's Letters to and from Children*. New York: Prometheus Books, 2002, p. 129.

***HISTÓRIA***

# AS MUDANÇAS DE CALENDÁRIO E O DIA DE REPOUSO



Paulo Lima

*Editor da Sinais dos Tempos*

## O sétimo dia foi separado dos restantes dias da semana e foi-lhe dado um lugar de relevo na determinação do ciclo semanal, expresso no nome que lhe foi atribuído: *Shabbath* (em hebreu, “Repouso”).

### INTRODUÇÃO

A revelação bíblica informa-nos que a história da vida no Planeta Terra começou com a criação realizada por Deus durante a primeira semana (de sete dias). Ao terminar a semana da criação, o Criador instituiu o Sábado, o dia de repouso para a Humanidade, quando descansou no sétimo dia dessa semana e abençoou e santificou esse dia (Gênesis 2:1-3). O sétimo dia foi, assim, separado dos restantes dias da semana e foi-lhe dado um lugar de relevo na determinação do ciclo semanal, expresso no nome que lhe foi atribuído: *Shabbath* (em hebreu, “Repouso”).

Entretanto, alguns adversários do Sábado e defensores da sacralidade do domingo alegam que (1) o exato dia de Sábado instituído na criação se perdeu nos meandros da História, já não podendo ser localizado com precisão, e que (2) as alterações históricas no calendário contribuíram para esse extravio do Sábado originalmente instituído por Deus.

Em seguida, vamos responder a estas duas objeções dirigidas aos observadores

do Sábado bíblico. Veremos que elas não têm fundamento algum na História bíblica e secular. Descobriremos, assim, que o verdadeiro dia de Sábado não se perdeu, podendo ser facilmente encontrado hoje no calendário vigente.

### A SUCESSÃO SEMANAL DO SÁBADO DESDE A CRIAÇÃO ATÉ AO TEMPO DE CRISTO

Antes de mostrarmos que houve uma ininterrupta sucessão semanal do Sábado desde a criação até ao tempo de Cristo, devemos ter presente que a semana (de sete dias) não tem uma base astronómica. Todos os outros períodos de tempo são assinalados por movimentos dos corpos celestes. Assim, o ano é determinado pelo tempo que a Terra leva a orbitar o Sol, o mês é definido pela revolução da Lua em torno da Terra e o dia é estabelecido pela rotação completa da Terra sobre o seu eixo. No entanto, o período da semana não depende de nenhum fenómeno astronómico. De facto, o sistema cronológico da semana tem a sua origem na Criação, quando Deus instituiu a primeira semana. Desde então, este período de tempo tem sido preservado, tendo chegado até nós. O Sábado tem-se destacado nesse período da semana como o sétimo dia, que assinala um período semanal completo.<sup>1</sup>

A história bíblica deixa perceber com clareza que o ciclo semanal, começado na criação da vida na Terra, nunca se perdeu. Efetivamente, desde a Criação nunca deixou de haver a sucessão dos dias. Esta sucessão começou no início da primeira semana (Gênesis 1:3-5) e manteve-se ininterrupta, pois, em Gênesis 8:22 (*ARC*), Deus promete a Noé que “dia e noite, não cessarão” enquanto durar a Terra. Assim, temos razões para crer que o ciclo semanal de sete dias se manteve uma divisão periódica e regular do tempo na Terra demarcada pelo marco semanal: o Sábado. Sabemos que, no

<sup>1</sup> Carlyle B. Haynes, *Do Sábado para o domingo*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1966, p. 47. Myung Soo Cho, *Um Tempo para Si – Porquê*, Sabugo: Publicadora Servir, 2011, pp. 56 e 57.

## **Da Criação até à entrada dos Israelitas em Canaã nunca se perdeu a semana e nunca se perdeu o Sábado. Realmente seria estranho que uma instituição divina se perdesse. Deus preservou o conhecimento da semana e do dia exato do Sábado.**

---

tempo de Noé, antes e depois do Dilúvio, a semana continuava a existir. Antes do Dilúvio, Deus disse a Noé: “Porque, passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarentas noites” (Gênesis 7:4, *ARC*). Depois do Dilúvio, Noé “esperou ainda outros sete dias, e tornou a enviar a pomba fora da arca” (Gênesis 8:10, *ARC*) e “então esperou ainda outros sete dias; e enviou fora a pomba” (Gênesis 8:12, *ARC*). Esta repetida referência a períodos de sete dias revela claramente que a semana existia então como ciclo inalterado de tempo. Ora, se a semana existia, o seu marco – o Sábado – também existia como dia bem determinado na semana.

No tempo dos Patriarcas também existia a semana. Sabemo-lo porque Labão disse a Jacob “cumpre a semana desta” e “Jacob assim fez: e cumpriu a semana desta” (Gênesis 29:27 e 28, *ARC*). Aqui estava a ser usada simbolicamente a semana de sete dias para representar sete anos de serviço como dote de casamento. Esse uso simbólico da semana revela que a semana existia necessariamente e que, portanto, existia também o seu marco semanal, o Sábado.

Quando os Israelitas saíram do cativeiro egípcio, a semana existia ainda. De facto, Deus refere-Se à semana ao dizer que, no “sexto dia”, os Israelitas deveriam colher o dobro do maná (Êxodo 16:5, *ARC*) e que eles deveriam colhê-lo durante “seis dias” (Êxodo 16:26, *ARC*). Esta forma de contar os dias revela a existência da semana. Na continuação do relato sobre o maná, Moisés informou os Israelitas de que o próprio Deus dissera: “Amanhã é repouso, o santo Sábado do Senhor” (Êxodo 16:23, *ARC*). Ora, se Deus identifica aqui, claramente, o Sábado como o “sétimo dia” a seguir ao “sexto dia” (Êxodo 16:26, *ARC*), podemos concluir que o Sábado não se perdera, pois Deus não pode mentir, e podemos concluir também que a semana de sete dias existia no tempo do êxodo. Depois disto veio a revelação da Lei no Sinai. Pois bem, o quarto mandamento – sobre a guarda do Sábado – começa com o imperativo “Lembra-te”. Isto mostra que os Israelitas, por causa da escravidão, tinham-se esquecido de observar o Sábado, mas Deus veio revelar novamente qual era esse dia no quadro da semana. Deus certamente sabia que dia era o Sábado. Assim, a semana e o Sábado estavam bem identificados no período do êxodo. E durante os quarenta anos de peregrinação no deserto também não se perdeu a semana nem se perdeu o Sábado, pois o maná foi recolhido ininterruptamente nesses quarenta anos durante todos os dias da semana, exceto no Sábado, que era observado como dia de repouso obrigatório. Portanto, da Criação até à entrada dos Israelitas em Canaã nunca se perdeu a semana e nunca se perdeu o Sábado. Realmente seria estranho que uma instituição divina se perdesse. Deus preservou o conhecimento da semana e do dia exato do Sábado.

O ciclo semanal e o Sábado também não se perderam no período dos juizes. De facto, no livro de Juizes é feita referência



a períodos definidos de tempo, como o “ano” (Juízes 5:32, *ARC*) e o “mês” (Juízes 11:38 e 39; 19:2, *ARC*). Tal como o ano era subdividido em meses, também os meses eram certamente subdivididos em semanas. E o Sábado marcava o termo desse período semanal. Efetivamente, o livro de Juízes revela que a festa de casamento de Sansão durou exatamente “sete dias”, isto é, uma semana (Juízes 14:12, *ARC*). Os adversários do Sábado costumam invocar o alongamento milagroso do dia ocorrido no tempo de Josué, quando este combatia contra os inimigos de Israel (Josué 10:12-14), como um fator de perturbação no ciclo da semana, o que implicaria que o Sábado celebrado após esse dia longo já não seria o mesmo sétimo dia instituído na semana da Criação. Ter-se-ia, assim, perdido o dia de Sábado original. No entanto, esta objeção não colhe, pois o texto mostra claramente que não foi ganho ou perdido qualquer dia do calendário semanal. A única alteração foi o alongamento da parte luminosa de um dia. Isto fez com que esse dia fosse mais longo, mas não adicionou um dia ao calendário, pois o modo bíblico de computar os dias é de pôr-do-sol a pôr-do-sol. Quando o período extra do dia longo chegou ao fim

no pôr-do-sol, esse dia terminou normalmente (embora a sua parte luminosa tenha sido mais extensa). Assim, seja qual for o método milagroso que Deus usou para alongar o dia no tempo de Josué, ele não perturbou o ciclo semanal, nem a sucessão dos Sábados desde a semana da Criação. Portanto, o Sábado não se perdeu na época de Josué ou dos juízes.

Durante o período da monarquia o ciclo semanal e o Sábado não foram perdidos de vista. Nem poderiam tê-lo sido, pois Deus mantinha o conhecimento de ambos através dos Seus profetas e o Sábado era observado fielmente pelos servos de Deus (*e.g.*, II Reis 4:23; Isaías 56:2-6; 58:13; Jeremias 17:24-27; Ezequiel 20:10-24; Amós 8:4-6).

A semana e o Sábado também não se perderam durante e após o cativeiro babilônico, pois os retornados a Jerusalém comprometeram-se que não voltariam a violar o Sábado, o que mostra que eles sabiam bem que dia era Sábado. Na verdade, Neemias lembrou ao povo que fora também por causa da violação do Sábado que eles tinham ido para o cativeiro (Neemias 10:29, 31; 13:15-18). No tempo dos Macabeus a semana e o Sábado tam-

bém não estavam perdidos, uma vez que o dia de Deus era estritamente observado (I Macabeus 2:32-40; II Macabeus 6:11). Na época do Segundo Templo, os Judeus eram extraordinariamente zelosos quanto à guarda do Sábado, pelo que seria impossível que esta nação perdesse de vista o dia exato do Sábado na semana. Portanto, o testemunho da nação judaica quanto à identidade do Sábado e à permanência do ciclo semanal é um argumento absolutamente irrefutável que testifica da permanência exata do dia de Sábado.<sup>2</sup>

Assim, no tempo de Jesus Cristo, o ciclo semanal e a identidade do dia de Sábado eram bem conhecidos. Cristo reconheceu que o dia de Sábado observado pela nação judaica no Seu tempo era o mesmo Sábado da Criação. Se Ele Se declarou “Senhor do Sábado” (Marcos 2:28, *ARC*), foi porque sabia que aquele dia sagrado era o verdadeiro Sábado instituído na Criação por Deus. Cristo teria mentido caso Se referisse ao Sábado nestes termos, quando, na verdade, tal dia se havia –

como se argumenta – extraviado. Note-se também que as discípulas de Jesus, que se preparavam para ungir o corpo morto do Mestre, “no sábado repousaram, conforme o mandamento” (Lucas 23:56, *ARC*). Uma vez que o quarto mandamento da Lei de Deus requer a guarda do sétimo dia original instituído na Criação, é evidente que as mulheres que repousaram nesse Sábado *conforme* o mandamento estavam a observar o Sábado proveniente da Criação. Este era definitivamente conhecido. Era o sétimo dia da semana, situado entre a sexta-feira da crucificação e o domingo da ressurreição de Jesus (Lucas 23:53-24:3).<sup>3</sup>

Remontámos à origem do Sábado e seguimos a sua história ao longo dos séculos, desde a Criação até à época de Jesus. Constatámos que ele não se perdeu na voraagem do tempo. O Sábado no tempo de

<sup>2</sup> Arnaldo B. Christianini, *Subtilezas do Erro*, Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965, pp. 142-145.

<sup>3</sup> Arnaldo B. Christianini, *Subtilezas do Erro*, pp. 145 e 146. Francis D. Nichol, *Respostas a Objeções*, Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004, pp. 178 e 179..

## O Sábado no tempo de Cristo era exatamente o Sábado instituído por Deus na Criação.

---



Cristo era exatamente o Sábado instituído por Deus na Criação. No entanto, pode-se colocar a questão: as mudanças de calendário não afetaram a exata identidade do Sábado desde então? Em seguida vamos mostrar que a resposta a esta questão é claramente “não”.<sup>4</sup>

## O CALENDÁRIO JULIANO

### E O CALENDÁRIO GREGORIANO

Uma vez que determinámos bíblicamente que o ciclo da semana e o Sábado chegaram imperturbados até ao tempo de Cristo, temos apenas de estudar as duas mudanças de calendário que afetaram a civilização ocidental a partir da segunda metade do I século a. C. (cerca de sete décadas antes da morte de Cristo), para demonstrarmos que a semana e o Sábado chegaram ao nosso tempo sem sofrerem qualquer perturbação. Essas duas mudanças de calendário foram aquelas impostas pela introdução do calendário juliano e pela criação do calendário gregoriano. Começemos por ver o processo de reforma que deu origem ao calendário juliano.

No fim da era da República Romana, notou-se que as festas religiosas romanas já não eram celebradas nas estações próprias, pois a diferença entre o calendário vigente e o ano trópico atingia oitenta dias. Assim, em 46 a.C., Júlio César, Pontífice Máximo e Ditador, pediu ao astrónomo alexandrino Sosígenes que reformasse o calendário existente. O novo calendário surgido dessa reforma ficou conhecido como o calendário juliano. Sosígenes fixou a duração média do ano em 365 dias e seis horas. Para

manter um número inteiro de dias anuais, ele determinou que o ano tivesse 365 dias e que em cada quatro anos houvesse um ano com 366 dias (o ano bissexto). O dia 1 de janeiro foi definido como o primeiro dia do ano e foram atribuídos aos meses o mesmo número de dias que conservam ainda hoje. Por volta de 8 a.C., no reinado de Augusto, houve ainda uma pequena afinação do calendário juliano referente à determinação dos anos bissextos. O calendário juliano foi então imposto a todo o Império Romano.

Inicialmente o calendário juliano não incluía a divisão do mês em semanas de sete dias. No entanto, na época de Augusto – o sucessor de Júlio César, que reinou de 27 a.C. a 14 d.C. – foi introduzida a semana de sete dias, conhecida como a “semana planetária”. Esta designação deve-se ao facto de os sete dias da semana serem nomeados segundo os nomes latinos do Sol, da Lua e dos cinco Planetas então conhecidos. A introdução da semana de sete dias no calendário romano foi o resultado da influência combinada da semana do calendário judeu e da semana planetária da astrologia babilónica. Note-se que tanto o ciclo semanal judaico, como o ciclo semanal babilónico, embora variassem nos nomes dados aos dias da semana, estavam perfeitamente sincronizados.

Portanto, a reforma juliana do calendário não só não afetou o ciclo semanal de sete dias vigente no Judaísmo e no Próximo Oriente, como acabou por ser a razão para a adoção desse ciclo pelo Império Romano. Logo, a sucessão dos Sábados não foi afetada pelo novo calendário juliano. Aliás, na época em que Cristo viveu já tinha ocorrido a alteração do calendário romano introduzida por Júlio César e, como vimos, Jesus foi perfeitamente capaz de identificar o Sábado do Seu tempo como sendo o dia original proveniente da semana da Criação (veja-se Marcos 2:27 e 28).<sup>5</sup>

4 Carlyle B. Haynes, *Do Sábado para o domingo*, p. 56.

5 “Calendário” in *Enciclopédia Mirador Internacional*, São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1979, vol. 5, pp. 1926 e 1927. “Calendrier” in *Encyclopaedia Universalis*, Paris: Encyclopaedia Universalis, 1993, corpus 4, p. 779. “Calendario” in *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, Madrid: Espasa-Calpe, 1989, tomo X, pp. 709 e 710.

Mesmo após a dissolução do Império Romano, as nações da Cristandade continuaram a fazer uso do calendário juliano. Entretanto, o excesso de 11 minutos e 14 segundos anuais em relação ao ano trópico fez com que o ano do calendário juliano excedesse o ano trópico em 1 dia em cada 128 anos, fazendo-o derivar em relação às estações determinadas astronomicamente, nomeadamente em relação ao equinócio da primavera. Ora, o Concílio de Nicéia (325 d.C.) tinha-se baseado no calendário juliano ao adotar as regras para definir a data da Páscoa. Dado que o domingo de Páscoa devia ser o primeiro após a primeira Lua cheia seguinte ao equinócio da primavera, a decalagem deste último deslocava progressivamente a festa da celebração da morte e da ressurreição de Cristo. Este efeito tornou-se de tal modo aparente e perturbador que o Concílio de Trento, em 1563, recomendou que se tomassem providências para o corrigir. Para fazer regressar o equinócio da primavera, ligado à Páscoa, para o dia definido pelo Concílio de Niceia (21 de março), o Papa Gregório XIII, aconselhado pelos melhores astrónomos católicos, como Clavius e Lílio, conseguiu o acordo dos mais importantes soberanos católicos e, pela bula *Inter gravíssimas*, de 24 de fevereiro de 1582, ordenou que se reformasse o calendário juliano. Com esta reforma surgiu o calendário gregoriano. Em que consistiu a dita reforma? Para se corrigir o excesso de dias em relação ao ano trópico, eliminaram-se dez dias de 1582, passando-se da quinta-feira, 4 de outubro, para a sexta-feira, 15 de outubro, de maneira que o equinócio da primavera (ligado à Páscoa) transitasse de 11 de março (em 1582) para 21 de março (em 1583). Para evitar nova deriva do calendário decidiu-se que se suprimiriam 3 anos bissextos em quatro séculos: apenas os anos seculares em que o milésimo é di-



visível por 400 permanecem bissextos. Por meio desta regra simples, equilibrou-se o ano gregoriano em relação ao ano trópico. Ainda assim, o calendário gregoriano apresenta um excesso de 0,0003 dias em comparação com o ano trópico, isto é, um excesso de 3 dias em 10 000 anos. O Papa Gregório XIII propôs a aceitação da reforma do calendário a todos os soberanos europeus. Os países católicos adotaram rapidamente a reforma, mas, por motivos político-religiosos, os países Protestantes e Ortodoxos da Cristandade levaram bastante mais tempo a aceitar o novo calendário. Hoje, o Calendário Gregoriano é o calendário de referência mundial.<sup>6</sup>

Do que foi dito fica claro que a reforma gregoriana do calendário juliano não perturbou a sucessão dos dias da semana, pois o ciclo semanal não foi alterado. Simplesmente passou-se de quinta-feira, 4 de outubro para sexta-feira, 15 de outubro.

<sup>6</sup> "Calendário" in *Enciclopédia Mirador Internacional*, vol. 5, pp. 1927 e 1928. "Calendrier" in *Encyclopaedia Universalis*, corpus 4, p. 780. "Calendario" in *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, tomo X, p. 710.



O dia seguinte foi Sábado, 16 de outubro, exatamente como se o calendário não tivesse sido corrigido. Portanto, com a reforma gregoriana do calendário não houve qualquer alteração do mês ou da semana. Apenas foi alterado o dia do mês. Logo, não há razão para se argumentar que a mudança de calendário realizada pelo Papa Gregório XIII perturbou a sucessão semanal do Sábado oriunda da Criação. O Sábado instituído na Criação por Deus não se perdeu. Ele é o mesmo sétimo dia da semana indicado pelo nosso calendário atual.

### CONCLUSÃO

Concluimos, assim, que o ciclo semanal que chegou até nós, hoje, é o mesmo instituído por Deus na criação da vida no nosso Planeta e o Sábado que hoje celebramos é o mesmo que foi santificado e abençoado pelo Criador na semana da Criação. Não só o dia não se perdeu ao longo dos séculos – assim o demonstra a revelação bíblica – como a adoção do calendário juliano e a transição do calendário juliano para o ca-

lendário gregoriano não tiveram qualquer impacto na sucessão das semanas e na sucessão dos Sábados. Portanto, o autêntico Sábado pode ser facilmente encontrado por qualquer um de nós, hoje.

Na verdade, é inimaginável que os adoradores do verdadeiro Deus, fossem eles Judeus ou Cristãos, perdessem a noção exata do ciclo semanal, pois isso transtornaria a observância do seu dia sagrado. E, se tal tivesse ocorrido em alguma parte do mundo, seria crível que todos os Cristãos e todos os Judeus espalhados pelo mundo perdessem exatamente a mesma porção de tempo, de modo a confundir de forma idêntica o calendário semanal? Este é o absurdo incrível que tem que ser suposto para se defender a ideia de que o Sábado original foi perdido algures na História! Não, a perpetuidade do Sábado não pode ser questionada. Assim, no quarto mandamento do Decálogo continua a fazer-se ouvir a voz de Deus: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus” (Êxodo 20:8-10, *ARC*).<sup>7</sup> ▢

---

**O ciclo semanal que chegou até nós, hoje, é o mesmo instituído por Deus na criação da vida no nosso Planeta e o Sábado que hoje celebramos é o mesmo que foi santificado e abençoado pelo Criador na semana da Criação.**

<sup>7</sup> Francis D. Nichol, *Respostas a Objeções*, p. 180.

# METADE DO PLANETA Devia Ser “Natureza Pura”

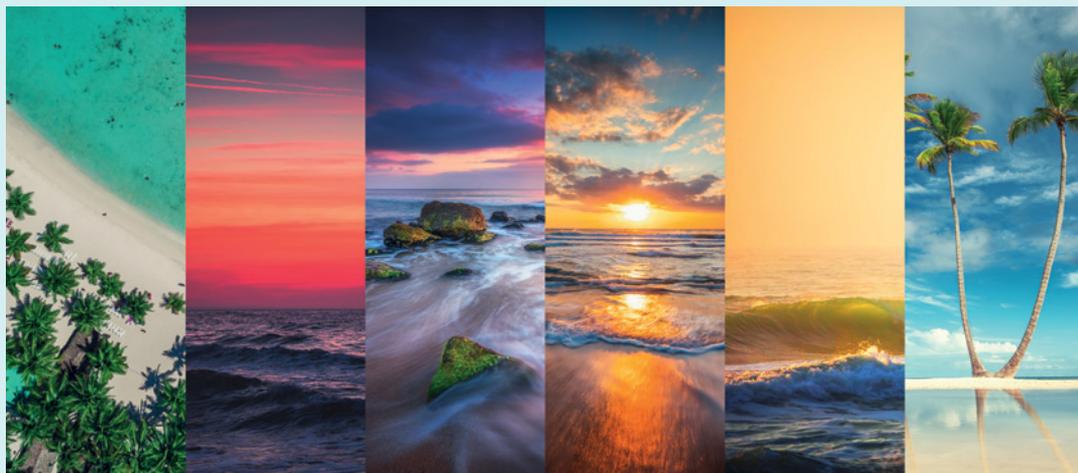
Metade do Planeta deve ser conservado como “Natureza pura”, uma apólice de seguro contra os impactos humanos no Planeta, defende o Biogeógrafo Miguel Araújo, que estuda o mapa da vida na Terra.

“É viável e realista, com vontade política. 17% do Planeta está classificado como área protegida. Em Portugal, 30% do território tem alguma figura de conservação”, disse o investigador da Universidade de Évora à Agência Lusa à margem do 15º Congresso da Federação Europeia de Ecologia, na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

O investigador afirma que esse esforço de “preservar uma área grande do

Planeta livre de atividades humanas” tem outra face: “Temos de aumentar os níveis de sustentabilidade das nossas atividades, como a pesca ou a agricultura, e ter cidades mais sustentáveis. Mas temos falhado nesses objetivos e estamos numa situação de emergência.”

Caso os esforços de sustentabilidade continuem a falhar, haverá, ao menos, “parte do Planeta para nos ajudar, se precisarmos de recursos”, referiu. Esses refúgios de “Natureza pura” serviriam como “zona tampão” onde se manteria algum equilíbrio ecológico, mas, ao mesmo tempo, criariam mais pressão para “produzir mais comida com menor área e menos impacto”.





“Nós somos os jardineiros do Planeta. Alteramos tudo o que tocamos e mesmo o que não tocamos. Afetamos a dinâmica do Planeta. Há menos espécies e uma maior homogeneização quando transportamos espécies de um continente para o outro, o que é uma coisa nova. Nunca tinha ocorrido nesta dimensão”, disse o Biogeógrafo Miguel Araújo. Esta “redistribuição e simplificação da Vida” é uma “grande responsabilidade” para a espécie humana. Ao estudar a distribuição da biodiversidade pelas zonas geográficas do mundo e a sua evolução, está-se a aprender “para não fazer disparates”.

Alterações na fauna e na flora em “ecossistemas tão sensíveis” trazem também consequências para a atividade humana, principalmente no setor primário – agricultura, pescas, florestas – e obrigam a pensar em “doenças emergentes e extinções em cascata”. E o clima é outro fator determinante a afetar a biodiversidade, afirma o Cientista. “Temos um impacto muito grande, mas não entendemos todas as consequências desse impacto. Temos de fazer o melhor que pudermos”, recomendou.

Tudo depende da vontade humana! Sinal dos tempos! ▢

**“Nós somos os jardineiros do Planeta.  
Alteramos tudo o que tocamos  
e mesmo o que não tocamos.  
Afetamos a dinâmica do Planeta.”**

# As Crianças Podem OBEDECER a Todos os Adultos, mas só RESPEITAM Alguns

*A maioria dos adultos faz-se obedecer através do medo, da troca ou da recompensa. Não através do verdadeiro respeito. Este as crianças reservam para quem estabelece com elas uma relação de cumplicidade, firmeza e compreensão das suas necessidades.*

Diz-se que a justiça é cega, mas a obediência, pelos vistos, tem os olhos bem abertos. Por que razão as crianças seguem naturalmente as ordens de alguns adultos e ignoram as de outros ou, na melhor das hipóteses, só a muito custo lhes obedecem?

No livro *Mente Absorvente*, a Médica e Pedagoga italiana Maria Montessori tentou responder a esta questão e mostrar aos adultos como devem agir para conquistar a obediência das crianças. A especialista diz que a obediência desenvolve-se em três níveis. Só no terceiro nível é que a criança consegue acatar naturalmente uma ordem.

É necessário saber como se desenvolve este processo, que pode ser altamente desgastante para os adultos e para a vida familiar.

## NÍVEIS DE OBEDIÊNCIA

**1º nível.** A obediência exige que a criança desista do que quer fazer, para agir de acordo com a vontade do adulto. Neste primeiro nível, os mais novos só obedecem



quando a sua vontade e a do outro coincidem ou quando conseguem fazer valer o seu ponto de vista face ao adulto. Todos os pais e todas as mães se questionam por que razão os filhos às vezes acatam uma ordem com facilidade e, noutras ocasiões, parecem ter vontade de contrariar tudo o que lhes é dito. E muitos desabafam: “Eles só fazem o que eu mando quando querem!”

O que os pais talvez não saibam é que, nesta fase, a criança ainda não integrou completamente a ideia de cedência ao outro. Nesta fase, pede-se aos adultos uma boa dose de paciência.

**2º nível.** É o nível mais difícil dos três. A criança já consegue “sacrificar-se” em favor da vontade do adulto, mas, se é verdade que passou a fazê-lo com alguma regularidade, também é certo que, por vezes, se esquece desse travão – e, então, desobedece. Nesta fase, surgem guerras tremendas entre pais e filhos, com cada uma das partes a tentar impor a sua vontade. A Pedagoga Maria Montessori lembra que estes conflitos podem durar anos. Os adultos, como já sabem que a criança é capaz de obedecer, usam todas as estratégias para conseguir que as suas ordens sejam acatadas. Os castigos, recompensas, chantagens e outras estratégias geralmente não funcionam. Mas, se efetivamente funcionarem, isso pode querer dizer que a criança entrou no esquema e, por isso, não vai conseguir passar para o nível 3 da obediência – o mais consistente.

**3º nível.** A criança começa a obedecer porque tem vontade e sente prazer em fazê-lo. Nesta fase, os miúdos estão tão fascinados com esta nova “realidade” que parecem ansiosos por receber orientações dos adultos. Mas atenção: nem todos os adultos conseguem este nível de aceitação. Apenas aqueles que as crianças admiram.

Infelizmente, o tipo de obediência que a maioria dos adultos consegue é produto do medo, da troca ou da recompensa – e não do

verdadeiro respeito. Mas afinal, o que distingue os adultos admirados dos outros?

O adulto que consegue compreender as necessidades da criança, proporcionar-lhe um ambiente tranquilo e estabelecer com ela uma relação de cumplicidade, firmeza e respeito é o adulto admirado e admirável. É aquele para quem a criança olha e vê como exemplo. Daí ser natural e fácil obedecer-lhe.

Muitos miúdos ficam-se pelo segundo nível da obediência, o que faz com que a sociedade esteja cheia de adultos (que um dia foram crianças...) excessivamente obedientes e que questionam pouco as regras, mesmo quando ditadas por lunáticos. Para a Pedagoga Maria Montessori, o mais saudável para todos é que os pais eduquem crianças autodisciplinadas, não seres que obedecem cegamente seja a quem for e ao que for.

A verdadeira educação baseia-se no amor que o adulto demonstra à criança. Uma criança amada confia no adulto. Ao confiar no adulto, respeita-o e obedece-lhe. Por isso, o tríptico da educação por excelência é: Amor, Confiança e Obediência. ▢

**A verdadeira  
educação  
baseia-se no  
amor que o  
adulto demonstra  
à criança.  
Uma criança  
amada confia  
no adulto.**



# Longanimidade Divina

**Longanimidade:** virtude ou qualidade que permite suportar com firmeza contrariedades e ofensas em benefício de outrem; magnanimidade, generosidade, paciência, resignação, coragem; constância de ânimo e qualidade de ser sofredor.

Esta *paciência* de Deus no relacionamento com os seres humanos é uma demonstração do *amor* infinito de Deus que não impede a ação da Sua *justiça*.

*“Misericordioso e piedoso é o Senhor: longânimo e grande em benignidade. Não compreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a sua ira. Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades. Pois, quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. Quanto está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões. Como um pai se compadece dos seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem. Pois ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó. [...] Mas a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade sobre*

*aqueles que o temem, e a sua justiça sobre os filhos dos filhos; sobre aqueles que guardam o seu concerto, e sobre os que se lembram dos seus mandamentos para os cumprirem” (SALMOS 103:8-14, 17 E 18).*

*“Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão, e o pecado; que ao culpado não tem por inocente” (ÊXODO 34:6 E 7).*

*“Nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Eles voluntariamente ignoram isto: que, pela palavra de Deus, já desde a antiguidade existiram os céus e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste. Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio. Mas os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam*

*para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios. Mas, amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. [...] Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça. Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis, em paz; e tende por salvação a longanimidade do nosso Senhor [...]. Crescei na graça e conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora, como no dia da eternidade! Ámen” (II PEDRO 3:3-9, 13-15, 18).*

*“Porque tudo o que dantes foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança. Ora o Deus de paciência e consolação vos conceda o mesmo sentimento, uns para com os outros, segundo Cristo Jesus” (ROMANOS 15:4 E 5). ▢*

**“Misericordioso e piedoso é o Senhor: longânimo e grande em benignidade. Não repreenderá perpetuamente, nem para sempre conservará a sua ira. Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades. Pois, quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem.” (Salmo 103:8-11.)**



**UM VISLUMBRE  
DE UM TEMPO  
EM QUE NÃO  
HAVERÁ MAIS  
SOFRIMENTO.**

ORIGINAL "HISTÓRIA  
DA REDENÇÃO",  
DA AUTORA  
NORTE-AMERICANA  
ELLEN G. WHITE



*Peça gratuitamente 933 93 92 91.*